



**MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL
EXÉRCITO PORTUGUÊS
COMANDO DO PESSOAL
ESCOLA DE SARGENTOS DO EXÉRCITO**

CONCURSO DE ADMISSÃO AO 51.º CFS

Prova de Aferição de Conhecimentos de Português

Versão 1

INSTRUÇÕES:

1. Coloque o seu Bilhete de Identidade Militar ou Cartão do Cidadão sobre a mesa, a fim de ser conferida a sua identidade.
2. Para o preenchimento da Folha de Respostas só pode utilizar canetas ou esferográficas de cor preta ou azul.
3. Na Folha de Respostas, escreva, com letra legível, e em maiúsculas, o seu posto, NMec/NIP/NII, n.º de candidato, nome completo.
4. É proibido destacar ou acrescentar qualquer folha à Folha de Respostas. Se necessitar de folhas de rascunho, utilize as folhas do enunciado ou solicite-as ao graduado responsável.
5. A prova tem a duração de 50 minutos.
6. A prova é composta por vinte itens de escolha múltipla, sem fator de correção. A cada item é atribuída a cotação de 1 valor, num total de 20 valores.
7. Em cada item de escolha múltipla, indique apenas a letra correspondente à resposta selecionada.
8. Se, em algum item, der mais do que uma resposta, a respetiva pontuação não será atribuída.
9. Quando terminar a prova, se ainda dispuser de tempo, deve relê-la, confirmar as suas respostas e aguardar em silêncio que termine o tempo de duração a prova. Volte a Folha de Respostas para baixo.
10. Durante a execução da prova, não é permitido ausentar-se da sala, exceto por razões de força maior.
11. A prova inicia e termina à ordem do graduado responsável.
12. Quando for dada a ordem de terminar, deve pousar de imediato a caneta, colocar-se de pé e aguardar as indicações do graduado presente.
13. Finda a prova, pode levar o enunciado consigo.

Bom trabalho.

A prova é constituída por quatro grupos (I, II, III, IV), cada um com cinco itens.
Selecione, em cada um dos itens, a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

GRUPO I

5 DE MAIO - DIA MUNDIAL DA LÍNGUA PORTUGUESA

- 1 O primeiro Dia Mundial da Língua Portuguesa assinala-se oficialmente esta terça-feira com uma cerimónia e um concerto *online* em que participam duas dezenas de personalidades lusófonas da política, letras, música e desporto.
- A organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) oficializou a data no ano passado, mas desde 2009 que, em 5 de maio, era comemorado o Dia da Língua e da Cultura Portuguesa, instituído pela Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP).
- 5 A iniciativa resulta de uma parceria entre o Camões-Instituto da Cooperação e da Língua, CPLP, representação portuguesa na UNESCO, ONUNews e RTP e será transmitida às 12h00 de Portugal no canal *YouTube* do Camões.
- 10 Também o Ministério da Cultura (MC) se associou à celebração da efeméride com a divulgação, esta terça-feira, de um vasto programa espalhado pelo país, que inclui, por exemplo, o projeto *Nossa língua - Nosso chão* no Alentejo, o regresso a Camões pelo Teatro Nacional de S. Carlos (TNSC) e a exposição virtual *Ritmos e Sonoridades da Língua Portuguesa*, em Bragança.
- 15 Almada Negreiros, António Torrado, Fialho de Almeida, Florbela Espanca, Lídia Jorge, Manuel da Fonseca, Mia Couto e Virgínia Dias são alguns dos escritores a divulgar ao longo do dia nas rádios do Alentejo.
- No TNSC, celebra-se Camões em dois momentos: com a história de Pedro e Inês, “o acontecimento que em toda a nossa existência como país mais material forneceu ao mundo da música” e com o soneto “O céu, a Terra, o vento sossegado...”, escolhido por Eugénio de Andrade para a sua *Antologia Pessoal da Poesia Portuguesa*.
- 20 Mas este primeiro Dia Mundial da Língua Portuguesa tem também cinema, com o Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA) e a Cinemateca Portuguesa a disponibilizarem nos seus *sites* filmes pertencentes a diversas coleções de arquivos de todo o mundo. Durante a tarde serão exibidas as curtas-metragens *A Língua Portuguesa a Gostar dela Própria* (15h55) e *Vozes do Português* (18h45), ambas realizadas por Tiago Pereira.
- 25 Este primeiro Dia Mundial da Língua Portuguesa foi também o pretexto para a assinatura, pelo Camões e pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), de um protocolo para aumentar o número de docentes, estudantes e investigadores da língua e cultura portuguesas nos Estados Unidos.
- 30 O português é atualmente falado por mais de 260 milhões de pessoas nos cinco continentes, ou seja, 3,7% da população mundial. É a língua oficial dos nove países-membros da CPLP (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe

e Timor-Leste) e Macau, bem como língua de trabalho ou oficial de um conjunto de organizações internacionais como a União Europeia, a União Africana ou o Mercosul.

Público 5/05/2020 (adaptado)

1. A efeméride teve a presença de convidados oriundos

- (A) dos países lusófonos.
- (B) dos países da CPLP.
- (C) dos países lusófonos e da ONU.
- (D) dos países da CPLP e de Macau.

2. Segundo o texto, a história de amor de Dom Pedro e Dona Inês

- (A) é a história mais celebrada por Camões.
- (B) foi a adaptada pelo teatro pela primeira vez no TNSC.
- (C) é história de amor mais celebrada através da música.
- (D) é a matéria do soneto “O céu, a Terra, o vento sossegado...”.

3. O texto acentua a importância da língua portuguesa e divulga

- (A) várias atividades para comemoração do Dia Mundial da Língua Portuguesa realizadas por todo o país, nos países lusófonos, em Macau e nos EUA.
- (B) esforços realizados com o objetivo de aumentar o número de falantes e investigadores da língua portuguesa.
- (C) dados que comprovam que a língua portuguesa é uma das línguas mais faladas nos Estados Unidos da América.
- (D) ações desenvolvidas pelo Instituto Camões no sentido de tornar o português uma língua oficial das Nações Unidas.

4. Indique, respetivamente, as funções sintáticas desempenhadas pelos segmentos sublinhados nos seguintes excertos: «No TNSC, celebra-se Camões em dois momentos (...)» (l.17) e «(...) “O céu, a Terra, o vento sossegado...”», escolhido por Eugénio de Andrade para a sua *Antologia Pessoal da Poesia Portuguesa*.» (ll.19-20).

- (A) Sujeito e complemento direto.
- (B) Complemento direto e complemento indireto.
- (C) Complemento direto e complemento agente da passiva.
- (D) Complemento agente da passiva e sujeito.

5. Em “se associou” (l. 10), o pronome encontra-se anteposto ao verbo, porque está

- (A) dependente do advérbio “Também”.
- (B) integrado numa oração subordinada.
- (C) dependente de uma oração coordenada.
- (D) integrado numa oração subordinante.

GRUPO II

S. Leonardo da Galafura

- À proa dum navio de penedos,
A navegar num doce mar de mosto,
Capitão no seu posto
De comando,
5 S. Leonardo vai sulcando
As ondas
Da eternidade,
Sem pressa de chegar ao seu destino.
Ancorado e feliz no cais humano,
10 É num antecipado desengano
Que ruma em direção ao cais divino.
- Lá não terá socalcos
Nem vinhedos
Na menina dos olhos deslumbrados;
15 Doiros desaguados
Serão charcos de luz
Envelhecida;
Rasos, todos os montes
Deixarão prolongar os horizontes
20 Até onde se extinga a cor da vida.
- Por isso, é devagar que se aproxima
Da bem-aventurança.
É lentamente que o rabelo avança
Debaixo dos seus pés de marinheiro.
25 E cada hora a mais que gasta no caminho
É um sorvo a mais de cheiro
A terra e a rosmaninho!

Miguel Torga, *Antologia Poética*, Coimbra

1. A densidade metafórica da paisagem prova-se com o verso:

- (A) “A navegar num doce mar de mosto (v.2)”
- (B) “capitão no seu posto” (v.3),
- (C) “deixarão prolongar os horizontes (v.19)”
- (D) “Na menina dos olhos deslumbrados” (v.14).

2. Na segunda estrofe do poema, predomina o tempo verbal do

- (A) presente do indicativo.
- (B) futuro simples do indicativo.
- (C) pretérito perfeito simples do indicativo.
- (D) presente do conjuntivo.

3. A rima da terceira estrofe é, maioritariamente,

- (A) cruzada e interpolada.
- (B) emparelhada e cruzada.
- (C) emparelhada.
- (D) cruzada.

4. O tema deste poema é

- (A) a dor humana.
- (B) a luta pela liberdade.
- (C) a afirmação da dignidade humana.
- (D) o telurismo.

5. O referente do advérbio sublinhado em “Lá não terá socialcos” (v.12) é

- (A) “S. Leonardo” (v.5).
- (B) “cais humano” (v.9).
- (C) “cais divino” (v.11).
- (D) “Na menina dos olhos” (v.14).

GRUPO III

A MENINA DOS ROUXINÓIS

Interessou-me aquela janela.

Quem terá o bom gosto e a fortuna de morar ali?

Parei e pus-me a namorar a janela.

Encantava-me, tinha-me ali como num feitiço.

- 5 Pareceu-me entrever uma cortina branca... e um vulto por detrás. Imaginação decerto! Se o vulto fosse feminino!... era completo o romance.

Como há de ser belo ver o pôr o sol daquela janela!...

E ouvir cantar os rouxinóis!...

E ver raiar uma alvorada de maio!...

- 10 Se haverá ali quem a aproveite, a deliciosa janela? ... quem aprecie e saiba gozar todo o prazer tranquilo, todos os santos gozos de alma que parece que lhe andam esvoaçando em torno?

Se for homem é poeta; se é mulher está namorada.

São os dois entes mais parecidos da natureza, o poeta e a mulher namorada; veem, sentem pensam, falam como a outra gente não vê, não sente não pensa nem fala.

- 15 Na maior paixão, no mais acrisolado afeto do homem que não é poeta, entra sempre o seu tanto de vil prosa humana: é liga sem que não se lavra o mais fino do seu oiro. A mulher não; a mulher apaixonada deveras sublima-se, idealiza-se logo, toda ela é poesia, e não há dor física, interesse material, nem deleites sensuais que a façam descer ao positivo da existência prosaica.

- 20 Estava eu nestas meditações, começou um rouxinol a mais linda e desgarrada cantiga que há muito tempo me lembra de ouvir.

Era ao pé da dita janela!

E respondeu-lhe logo outro do lado oposto; e travou-se entre ambos um desafio tão regular em estrofes alternadas tão bem medidas, tão acentuadas e perfeitas, que eu fiquei todo dentro do meu romance, esqueci-me de tudo o mais.

- 25 Lembrou-me o rouxinol de Bernardim Ribeiro, o que se deixou cair na água de cansado.
O arvoredor, a janela, os rouxinóis... àquela hora, o fim de tarde... o que faltava para completar o romance?
Um vulto feminino que viesse sentar-se àquele balcão - vestido de branco - oh! branco por força... a frente descaída sobre a mão esquerda, o braço direito pendente, os olhos alçados ao céu... De que cor os olhos? Não sei, que importa! É amiudar muito demais a pintura, que deve ser a grandes e largos traços para
- 30 ser romântica, vaporosa, desenhar-se no vago da idealidade poética.
- Os olhos, os olhos... - disse eu, pensando já alto, e todo no meu êxtase - os olhos... pretos.
- Pois eram verdes!
- Verdes os olhos... dela, do vulto na janela?
- Verdes como duas esmeraldas orientais, transparentes, brilhantes, sem preço.
- 35 - Quê! Pois realmente?... É gracejo isso, ou realmente há ali uma mulher, bonita, bonita, e?...
- Ali não há ninguém - ninguém que se nomeie hoje, mas houve... oh! houve um anjo, um anjo, que deve estar no céu.
- Bem dizia eu que aquela janela...
- É a janela dos rouxinóis...
- 40 - Que lá estão a cantar.
- Estão, esses lá estão ainda como há dez anos - os mesmos ou outros, mas a menina dos rouxinóis foi-se e não voltou.
- A menina dos rouxinóis! Que história é essa? Pois deveras tem uma história aquela janela?
- É um romance todo inteiro, todo feito como dizem os franceses, e conta-se em duas palavras.
- 45 - Vamos a ele. A menina dos rouxinóis, menina com os olhos verdes! Deve ser interessantíssimo. Vamos à história já.
- Pois vamos. Apeemo-nos e descansemos um bocado.
Já se vê que este diálogo passava entre mim e outro dos nossos companheiros de viagem.
Apeamo-nos com efeito, sentamo-nos, e eis aqui a história da menina dos rouxinóis, como ela se contou.
- 50 É o primeiro episódio da minha odisseia: estou com medo de entrar nele, porque dizem as damas e os elegantes da nossa terra que o português não é bom para isto, que em francês que há outro não sei quê...
Eu creio que as damas que estão mal informadas, e sei que os elegantes que são uns tolos; mas sempre tenho meu receio, porque enfim, enfim, deles me rio eu: mas poesia ou romance, música ou drama de que as mulheres não gostem, é porque não presta.
- 55 Ainda assim, belas e amáveis leitoras, entendamo-nos; o que eu vou contar não é um romance, não tem aventuras enredadas, peripécias, situações e incidentes raros; é uma história simples e singela, sinceramente contada e sem pretensão.
Acabemos aqui o capítulo em forma de prólogo; e a matéria do meu conto para o seguinte.

Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*

1. Neste excerto, o narrador descreve, como uma “pintura”, um retrato

- (A) vagamente poético.
- (B) da mulher romântica.
- (C) do ideal clássico feminino.
- (D) da mulher oriental.

2. O narrador medita sobre as semelhanças entre o poeta e a mulher apaixonada, ao constatar que ambos
- (A) se contentam com uma existência prosaica.
 - (B) vivem constantemente apaixonados.
 - (C) desprezam o mundo real.
 - (D) se elevam a um estado superior e superam a banalidade do mundo.
3. Os recursos estilísticos presentes em “Quem terá o bom gosto e a fortuna de morar ali?” (l.2) e “Parei e pus-me a namorar a janela.” (l.3) são, respetivamente,
- (A) a interrogação retórica e a hipálage.
 - (B) a interrogação retórica e a metonímia.
 - (C) a interrogação retórica e a sinédoque.
 - (D) a interrogação retórica e o oxímoro.
4. O narrador dirige-se “às belas e amáveis leitoras” (l.55) num momento de
- (A) coloquialidade.
 - (B) determinação.
 - (C) saudade.
 - (D) formalidade.
5. A expressão “Ainda assim” (l.55) contribui para a coesão gramatical
- (A) frásica.
 - (B) temporal.
 - (C) interfrásica.
 - (D) referencial.

GRUPO IV

QUARTO QUADRO

*Lisboa, Mouraria, casa de Luís de Camões, princípio de maio de 1570.
Ana de Sá, Diogo do Couto, (...).*

Diogo do Couto (falando de fora): Luís Vaz mora nesta casa?

Ana de Sá (abrindo a porta): Nesta mesma. Vós, quem sois?

5 **Diogo do Couto**: Diogo do Couto, amigo e companheiro de vosso filho para vos servir. (...) Como está Luís Vaz?

Ana de Sá: Como vos responderei? Vejo-o diferente do que foi, é o meu filho e é também outro homem. Em que praia ou mar ficou o mancebo galhardo que daqui partiu, que privações e desgostos o tornaram tão melancólico, que misérias mais custosas de suportar que esta pobreza costumada?

10 **Diogo do Couto**: A Índia...

Ana de Sá: Não falta quem de lá volte rico.

Diogo do Couto: É de não ter vindo rico Luís Vaz que vos queixais?

Ana de Sá: É de não ter vindo contente e não está nas minhas mãos o seu contentamento. Não lho pode dar sua mãe, se alguém pode.

15 **Diogo do Couto:** Senhora Ana de Sá...

Ana de Sá: Sabeis o meu nome? Devia ter-vo-lo dito. Mas eu sou apenas a mãe do meu filho.

Diogo do Couto: De Moçambique ao reino, navegámos cinco meses. Vede o tempo que nos sobejou, a Luís Vaz e a mim, para conversarmos de nossas vidas.

Ana de Sá: Falou-vos de mim, meu filho?

20 **Diogo do Couto:** Falou.

Ana de Sá: E que dizia?

Diogo do Couto: Não saberia eu agora repeti-lo palavra por palavra. Mas entendi que muito vos amava.

Ana de Sá: Assim será, é justo e natural que um filho ame a sua mãe. Porém, Luís Vaz tem uma estranha natureza, ou trouxe-a dessas paragens. O meu alegre Luís que foi, vive calado hoje, como se tivesse um colar de ferro apertado na garganta, quase não me fala.

25 **Diogo do Couto:** Tende paciência, Luís Vaz é homem orgulhoso. Sabe o valor dos papéis que escreveu, dos seus versos, do seu grande poema, mas haveria de querer trazer também outros bens e veio de mãos vazias. Sabeis como o encontrei em Moçambique, vivendo da ajuda de alguns...

Ana de Sá: E para poder tornar ao Reino pagaram os seus amigos, além da passagem, duzentos cruzados de dívida...

30 **Diogo do Couto:** Isso sabeis?

Ana de Sá: Não é meu filho tão orgulhoso que o escondesse. Ou terá sido por orgulho que mo disse.

Diogo do Couto: Atrás do dia velho, vem o dia novo. Luís Vaz publicará os seus versos, terá proteção da corte, o favor de el-rei. Em todo o Reino não há poeta maior.

José Saramago, *Que farei com este livro?*, Porto Editora

1. Ana de Sá lamenta que o filho tenha voltado da Índia

- (A) pobre, ainda que realizado.
- (B) descontente com os seus amigos.
- (C) mudado e desconsolado.
- (D) rico, mas descontente.

2. Diogo do Couto descreve o amigo como

- (A) calado, orgulhoso, pobre.
- (B) orgulhoso, abastado, calado.
- (C) abastado, talentoso, orgulhoso.
- (D) orgulhoso, talentoso, pobre.

3. Os segmentos sublinhados em “Falou-vos de mim, meu filho?” (l.19) desempenham, respetivamente, as funções sintáticas de

- (A) complemento oblíquo e sujeito.
- (B) complemento indireto e complemento oblíquo.
- (C) sujeito e complemento oblíquo.
- (D) complemento oblíquo e complemento indireto.

4. A obra de Luís Vaz de Camões é referida, no texto, pelos seguintes nomes:

- (A) “papéis”, “versos”, “poema”.
- (B) “papéis”, “cruzados”, “bens”.
- (C) “bens”, “versos”, “papéis”.
- (D) “poema”, “cruzados”, “versos”.

5. “Atrás do dia velho, vem o dia novo.” (l.33) – Com esta expressão, Diogo do Couto quer dizer que

- (A) Luís Vaz é o maior poeta português.
- (B) Ana de Sá terá de volta o seu “mancebo galhardo”.
- (C) o seu amigo pagará as suas dívidas.
- (D) Camões conseguirá ser reconhecido pel’ *Os Lusíadas*.

FIM

